



ONDE A FELICIDADE SE ENCONTRA

Há um ano, escrevi sobre minha sobrinha Ana. Jovem, bonita, inteligente e, acima de tudo, humana. Crescida junto às minhas filhas, acabei adotando-a como "filha" mais velha.

No dia em que viajei para um intercâmbio na Nova Zelândia, nem sei quem chorou mais: eu ou a sua mãe, minha ex-cunhada e grande amiga, Juliana.

Viajar era o destino de Ana. Independente e cheia de ideais, costumava partir para os lugares mais inusitados e interessantes. Às vezes, eu entrava em pânico e meu irmão, que também foi um jovem rebelde nessas questões, não me dava a mínima. – “Calma, Laura!!! Não tem problema... Ela se vira!”

Tudo bem, mas uma quase menina, bonita e atraente viajar sozinha para o Nordeste? Decididamente, não achava isso certo. O mundo está cheio de loucos, tarados e mal-intencionados, eu tentava argumentar. Mas de nada valiam as ponderações minhas ou de sua mãe. Sozinha, com sua mochila, Ana saía para conhecer os recantos mais perdidos e curiosos deste nosso país. Morou em vilas de pescadores, onde trabalhava, dando aulas de inglês. Dormia em redes, viajava em barcos, canoas... Ajudava pessoas humildes com seus conhecimentos e enorme vocação altruísta. Voltou para finalizar o curso de pedagogia, que, alguns anos depois, ditaria o seu futuro profissional.

Formou-se com 23 anos, especializando-se em educação indígena. Selecionada entre dezenas de concorrentes, foi admitida em uma conceituada ONG, financiada com recursos nacionais, noruegueses e franceses, para trabalhar com os Yanomamis, na região amazônica. Para que isso fosse possível, vários requisitos foram necessários: disponibilidade em permanecer até três meses na floresta, de forma incomunicável; voar em monomotores do tempo do "onça", navegar em barcos de



pequeno porte; fazer longas caminhadas na mata; disposição em aprender a língua Yanomami e, naturalmente, ter experiência em educação indígena, algo que adquirira com sua permanência e trabalho entre os Xacriabás.

Quase dois anos depois de partir, Ana conta-me novas histórias: curiosas, bizarras e algumas bem divertidas. Fala-me das viagens malucas, dos banhos nos igarapés, dos alimentos estranhos que, às vezes, é obrigada a comer, das línguas diferentes de tudo o que já ouviu e que aprende em velocidade recorde, das malocas feitas de palha, onde dorme em uma rede, dividindo o espaço com quase duas centenas de indígenas. Galinhas são animais de estimação; os Yanomamis não compreendem como os brancos podem cuidar e afeiçoar-se a elas, para depois comê-las. Conta-me das índias que dão a luz sozinhas. Entram na mata e, de cócoras, deixam a natureza agir.

Emocionada, fala de sua cura. Acometida por uma rara doença ocular, em que a perda da visão era um risco real e nem os mais modernos exames do país, feitos, inclusive, em São Paulo, conseguiam detectar, Ana, de volta à floresta, é levada ao Xamã. E foi através das ervas, cantos e orações do velho índio que ela se curou.

Contrabalançando a emoção da conversa, resolve descontraír com casos divertidos e bizarros. Diz que, na floresta, quando as distâncias são muito longas, o único meio de transporte é o aéreo. Sentada em caixotes, rodeada por sacos de farinha, sai ensurdecida pelo rumor dos pequenos monomotores em que, de vez em quando, é obrigada a viajar.

E conta da sua amiga, uma paulista minúscula e magrinha, que se vê às voltas com um piloto, em uma clareira no meio do nada. O piloto grita: – “Empurra, aí!” Como não havia mais ninguém no local, pergunta: – “Está falando é comigo?” E o sujeito, colocando a cabeça fora da janela, diz: – “É; com você mesmo. Poderia, por favor, empurrar o avião...” E ela, com seus bracinhos minúsculos, deu tudo o que podia até ouvir o ronco do motor do avião que, Deus sabe como, subia.

Pior foi o que aconteceu com um amigo indianista que, a mais de 2.000 metros de altitude, escuta do piloto: – “Ô gente! Vocês vão me desculpar, mas o combustível acabou...” E, por aqueles inexplicáveis milagres, conseguiu alcançar uma das clareiras na floresta. Pelo rádio, comunicaram ao mundo as coordenadas de onde se encontravam. O amigo, ainda não refeito do trauma, diz que o "pó, pó, pó" ouvido no momento da queda jamais será esquecido.

E os casos não param por aí. Ana me conta o drama vivido por seu amigo antropólogo e uma amiga médica, cuja missão era levar o corpo de um Yanomami falecido em Caracas, onde fazia tratamento médico, de volta à sua tribo para os devidos funerais. A viagem era longa e complicada. Cerca de três dias na mata carregando o cadáver. Primeiramente, com um pequeno avião, depois de barco e, finalmente, a pé. Ao chegarem à tribo, abrem a urna, de onde escapole uma perna branca e cheia de pelos. – “Deus!!!”, grita a médica, – “Mandaram o morto errado!” Fecham rapidinho o caixão e, desanimados, pensam na viagem de volta, sem, antes, imaginarem a reação dos seus familiares, que, ao abrirem a urna, no lugar de um branco cabeludo, encontram um Yanomami nu.

Para finalizar, minha sobrinha querida, com um brilho nos olhos, conta-me da sua casinha adquirida em Boa Vista. Pois, quando não está na mata, está na cidade dando cursos aos indígenas - futuros professores Yanomamis. E, com seu sorriso mais lindo, diz: – “Tia, é ali, entre eles, que eu sou feliz!!!”

PS: Quem se interessar em ler a primeira crônica que escrevi sobre as experiências de minha sobrinha Ana entre os Yanomamis busque no site www.otempo.com.br - colunistas - Laura Mediolli - Ana - 8.1.08.

Comentário do Diretor:

O que dizer sobre Ana Maria? Quando começamos a escola, em 1987, Ana era uma das nossas seis crianças. Tinha três anos. Sempre participativa e responsável, vivia intensamente aquela escola repleta de personagens e de magia. Adorava catar amoras e com muita desenvoltura subia nas árvores, dominava aquele espaço imenso. Com as colegas, organizava verdadeiras “invasões” à casa da avó Glorinha.

Ana foi crescendo, aprendeu a escrever com facilidade, tinha um texto ótimo e era muito imaginativa. Mais alguns anos passaram e veio a adolescência. Continuava a aluna aplicada e dedicada. Por volta dos 12 anos, apresentou-se para ser auxiliar de classe das turmas do Maternal. Nesse momento, começou a mostrar sua vocação e seu carisma. Ainda uma menina, com seu jeitinho falante, cativava crianças, pais e professoras. Tinha um profundo senso de justiça e solidariedade. Assim chegou ao Ensino Médio, saindo-se muito bem nos estudos. Ao chegar ao Terceiro Ano, optou por não enlouquecer com o vestibular, foi participar de um intercâmbio na Nova Zelândia. Retornou a tempo de participar da formatura com seus colegas de tantos anos, a inesquecível turma de 2001.

Ana logo se ingressou na UFMG e não parou mais de viajar. Com seu fascínio pelas fotos, documentou suas andanças: infinitas lembranças da riqueza de uma vida ainda em plena juventude. Hoje em Roraima, continua fazendo planos, vivendo intensamente suas experiências e sempre “organizando as fotos”, em cada uma, reavivando o aprendizado de uma vida.

Observando a trajetória dessa nossa ex-aluna, vejo o quanto podemos contribuir para a ampliação dos horizontes de uma criança ou adolescente. Ana cresceu no Colegium, aqui aprendeu português, matemática, história, ética, respeito, reconhecimento, justiça, integridade, solidariedade... Orgulho-me muito dessa ex-aluna que tantas marcas positivas deixou na história da nossa escola e mais ainda dessa filha que, segundo uma senhora Maxacali “é uma moça muito andeja!”.

Prof. Virgílio Machado

Diretor do Colegium